

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 149	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5250	\$120	11 DE FEVEREIRO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	-6-	-8-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-8-	-8-		



GUSTAVO DORÉ — Fallecido em 23 de Janeiro de 1883 (segundo uma photographia de Nadar)

O PRINCEPE NAPOLEÃO E SEU FILHO VICTOR NAPOLEÃO

Adquiriu de subito grande notoriedade e importância o principe Napoleão, filho do rei Jeronymo, homem de incontestavel merecimento, mas que nunca até aqui lograra desempenhar um papel de primeira ordem, fosse em que fosse. Duas notas biographicas auxiliáram o leitor a formar uma idéa clara e nitida do caracter d'este principe irrequieto, e da suprema tolice que o governo da republica franceza acaba de commetter, engaiolando o famoso principe e fazendo d'essa captura o ponto de partida para essa lei panica, que o Senado vai ter provavelmente o bom senso de regeitar.

Jeronymo Napoleão, filho do rei Jeronymo de Westphalia, tem hoje sessenta annos. Nasceu em Trieste em 1822, e só em 1845 foi a Paris, com licença do governo de Luiz Philippe, e usando do pseudonymo de conde de Montfort. Em 1848 foi mandado á camara pelos electores da Corsega, e em 1849 foi nomeado ministro plenipotenciario em Madrid, lugar de que o demittiram, porque abandonára sem licença o seu posto. Em 1853 foi declarado principe do Imperio, e recebeu o posto de general de divisão. Na Crimea commandou a divisão de reserva, mas uma doença singular, que o atacava em campanha, obrigou-o a retirar para França, e deu origem a essa famosa alcunha do *Plon-Plon*, com que de toda a parte o assetelaram. Em 1859 ainda commandou outra divisão na guerra da Italia, mas andou sempre manobrando no terreno da diplomacia, occupando Florença sem dar um tiro, e ouvindo fallar vagamente nas carnificinas de Magenta e de Solferino. Casára n'esse mesmo anno com a princeza Clotilde, irmã da rainha a senhora D. Maria Pia. Em 1861 teve a culpa gravissima, aos olhos dos francezes, de não se querer bater com o duque d'Aumale, que o desafiára por elle ter atacado vivamente a familia Orleans. Foi algum tempo ministro de seu primo, mas andou quasi sempre a fazer opposição.

Em 1870 Napoleão III encarregou-o de obter a alliança da Italia, o que não conseguiu, e depois da queda do Imperio, continuou a fazer politica á parte, sem conseguir nunca reunir no seio dos bonapartistas um partido importante, nem quando, depois da morte de seu sobrinho na Zululandia, parecia dever ficar sem competidores a sua candidatura ao throno.

O ideal do principe Napoleão foi sempre o de o considerarem um homem perigoso. Não o conseguiu nunca senão agora. Quando retirou um pouco precipitadamente da guerra da Crimea, escreveu um folheto em que censurava os actos do conselho de guerra que dirigira as operações, e esperou, com uma das mãos no peito e a outra atrás das costas, na attitude consagrada de seu tio o grande imperador, com quem dizem que se parecia muito, esperou resignado o martyrio. Chamaram-lhe *Plon-Plon* e acabou-se.

Durante o imperio, o principe Napoleão tomava a cada instante attitudes revoltadas, fazia discursos agri-doços—e dizem que fallava bem, e depois apresentava-se nas Tulherias, de mão direita no peito, a outra atrás das costas, e esperando sempre que um ajudante de campo do imperador se chegasse a elle e lhe dissesse: Principe, a sua espada! Nunca ninguem lhe pediu semelhante cousa. O imperador recebia-o, pregava-lhe uma descompostura de bota a baixo, e mandava-o embora. A mesa nos jantares de etiqueta fazia pirraças á sua imperial prima, esperando sempre escândalo. Nunca. Provavelmente o que apanhava era o seu ponta pé por baixo da mesa, se as pernas curtas de Napoleão III estavam ao alcance dos joelhos do primo. Conta Prosper Mérimée, nas suas interessantes *Cartas a Panizzi*, que uma vez o principe Napoleão não quiz beber á saude da imperatriz, nem por quanto havia. «Faça uma saude á imperatriz, primo, dizia-lhe o imperador, vermelho de colera, e fazendo esforços extraordinarios para lhe chegar com o bico da bota. O principe, sempre resignado fazia ouvidos de mercador. Fazia ouvidos de mercador, e dizia consigo: «Chegou o instante fatal. Espera-me alguma humida masmorra no Monte-Valeriano.» Afinal o imperador desatou a rir, a imperatriz também, e não houve novidade. Só o principe Napoleão é que perdeu no negocio um calix de Champagne.

Em 1865 o principe Napoleão julgou ter encontrado enfim a ambicionada importancia. Assistindo na Corsega á inauguração de uma estatua do grande imperador, fez um discurso espiro-canivetes. O primo zangou-se e pespegou-lhe uma reprimenda de primeira ordem. Então o principe, cheio de dignidade, resignou todas as funções gratuitas que exercia: presidente da commissão da exposição e vice-presidente do con-

selho privado. O imperador acceitou, e não pensou mais n'isso. A primeira vez que precisou de seu primo, mandou-o chamar e o primo foi.

Depois da queda do imperio e depois da morte de Napoleão III, o principe Napoleão tem-se virado e revirado de todos os modos possiveis para fazer barulho e adquirir importancia. Separou-se da familia e botou programma á parte, o *Figaro* analysou-lh'o em gazetilha, pela penna sarcastica de Albert Millaud, adoptando o estribilho da canção dos *Gendarmes*:

Jérôme vous avez raison.

Depois da morte de seu sobrinho, quiz apresentar-se como aspirante á corôa, mas a grande maioria dos bonapartistas declarou que o principe Victor sempre seria candidato mais acceitavel. Zangou-se, deixaram-n'o zangar, fez *meetings*, a policia republicana deixou-lh'os fazer. Afinal, quando meços o esperava, atira um manifesto á França para satisfazer essa furia de escrevinhar que o atormento no mais alto grau, e a republica aterra-se, prende-o, e declara a patria em perigo, e mette na Conciergerie o principe Napoleão, que afinal consegue metter a mão direita no peito, pondo a outra atrás das costas, sem perder a attitude, e que se rodeia de advogados, dando-se ares, e que se reconcilia no infortunio—no infortunio, que bom!—com a imperatriz, que vem de Inglaterra visital-o, e que não consegue transpôr as grades da prisão! E o principe entusiasmado, radiante, dicia protestos, entrega o seu caso á vindicta da posteridade, pede com amarga ironia Santa-Helena e Hudson Lowe, exclama tristemente: Pobre França! lamenta, com aspecto nobre, ter arrastado no seu infortunio os principes de Orleans, declara que os respeita, apesar das suas antigas dissidencias com «esse pobre Aumale,» faz reflexões, solta phrases profundas, dirige-se aos carcereiros com toda a nobreza das magestades cahidas, está nas suas sete quintas o maganão! Chamem-lhe *Plon-Plon* agora, andem, insultem a desgraça, cuspem os seus sarcasmos ignobéis á face do captivo da republica, tripudiem sobre esse nobre infortunio de um homem que vem expiar na humida masmorra—hum! hum!—tossinha aqui faz effeito—expiar o crime de se chamar Napoleão, e de ter querido dizer a verdade ao seu paiz!

Apanhou tudo isto á ultima hora, apanhou aos sessenta annos o que debalde procurára em toda a sua vida.

Et j'avais soixante ans quand cela m'arriva!

Seu filho, Victor Napoleão, que hoje conta vinte annos, porque nasceu a 18 de julho de 1862, é official do regimento 32 de artilharia, de guarnição em Orleans. Passa por ser um moço instruido, intelligente e desembaraçado.

O governo da republica, procedendo com o mesmo tacto finissimo que até agora tem manifestado, só tarde consentiu que o coronel do 32 de artilharia concedesse um dia de licença ao principe Victor para ir ver seu pai.

O que elle fez com os Orleans todos o sabem. É verdade que ao mesmo tempo o conde de Chambord, escrevendo a um seu amigo politico, dizia-lhe que o enterro de Gambetta «foi uma cerimonia pagã, humilhante para um soldado, e irritante para um christão!» Ha muito tempo que o conde de Chambord, e o governo da republica franceza, andam ao desalio a ver quem ha-de fazer mais asneiras. D'esta vez, porém, parece-me que é o governo republicano quem vence.

Pinheiro Chagas.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

2.ª Carta

No dia 20 de novembro ultimo teve logar no salão de honra do *Imperial Lyceo de Artes e Officios* da cidade do rio de Janeiro, a sessão solemne promovida pela Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Brazil, em homenagem a mim.

Sua Magestade Imperial chegou ao Lyceo ás

7 horas da tarde, e, sendo recebido pela direcção da sociedade com as honras devidas á sua elevada cathogoria, occupou o logar da presidencia.

Em seguida o sr. dr. Ladislao Netto leu o discurso da abertura da sessão, seguindo-se-lhe o sr. dr. José Avelino Gurgel do Amaral, que proferiu um discurso sobre a historia das conquistas dos portuguezes, terminando por me saudar e desejar feliz exito na minha exploração da America do Sul.

Depois de obtida licença de Sua Magestade Imperial, o sr. dr. Ladislao Netto deu-me a palavra, de que fiz uso, começando por dizer:

«Senhor:—Agradeço, como me cumpre a Vossa Magestade Imperial, que com tanta bondade se dignou receber-me quando tive a honra de chegar a este imperio, a augusta presença de Vossa Magestade Imperial n'esta solemni-dade.»

«Agradeço igualmente a ss. ex.ªs, os sr. dr. Ladislao Netto e dr. José Avelino as delicadas e não merecidas expressões que acabam de me dirigir; e peço a Sua Magestade Imperial, aos nobres oradores, e á illustre assemblea que se dignem acolher o tributo do meu reconhecimento e o testemunho da minha lealdade pelas generosas attentões com que se dignaram honrar-me.»

«Minhas senhoras e meus senhores. Vim ao Brazil para matar ocios como tenho por costume; isto é, para me distrahir estudando tudo que houver de grandioso e nobre no Imperio brasileiro, como fiz na India, onde durante nove annos que ali demorei, colhi os materiaes do livro que aqui tenho, e do qual—se me fôr permitido—passarei a expôr alguns dos assumptos de que trata, comparando-os com aquelles que por ventura terei de estudar n'este imperio, que apenas conheço theoreticamente.»

Depois de fallar perto de uma hora sobre a minha viagem á India, expuz o itinerario que tenciono seguir do Rio de Janeiro ao Amazonas, d'este ao Pacifico, e de lá pelos Andes ou Plata e sul do Brazil; prometendo quando voltasse á capital do imperio, fazer uma conferencia sobre o que por lá visse e estudasse.

Em seguida terminei a minha palestra, renovando a Sua Magestade Imperial e á illustre assemblea os meus agradecimentos e protestos de gratidão os mais cordeaes.

Como o meu plano de estudos no Brazil terá por base os seguintes pontos: 1.ª Desenvolvimento de agricultura progressiva; 2.ª Ordenamento das plantas virgens; 3.ª Colonisação e cruzamento da raça aryaná com a raça aborigena, tenho procurado colher todos os dados de que careço para poder um dia apresentar dignamente o resultado de meus estudos.

Para conseguir este fim, e, emquanto o tempo não for propicio para encetar minha exploração atravez do Amazonas e seus affluentes, continuarei minhas excursões aos centros agricolas, visitando primeiro Cantagallo, d'onde lhe escrevo hoje.

Parti da côrte ás 6 1/2 horas da manhã do dia 5 do corrente, em companhia do meu presado amigo, o illustrado dr. Antonio Zeferino Candido, dignissimo director do collegio de S. Pedro d'Alcantara no Rio de Janeiro, onde reside haverá uns dez annos. As 5 horas da tarde do mesmo dia eramos esperados e generosamente recebidos na gare do bond (americano) de Cantagallo pelo sr. dr. Modesto Alves Pereira de Mello, que nos conduziu a sua casa, onde nos hospedámos.

A cidade de Cantagallo, de cuja parte central lhe envio o desenho que tirei, está situada a 22.º de latitude sul e 1.º de longitude do meridiano do Rio de Janeiro, n'um estreito e profundo valle, 242 metros acima de nivel do mar. Tem cerca de 1 kilometro de extensão sobre 150 metros de largura média, com 600 logos e 2:000 habitantes. As ruas são largas, alinhadas e calçadas de granito. Possui uma elegante e espaçosa igreja matriz; uma bonita casa de municipalidade proxima da gare dos bonds; tres chafrrizes de agua potavel; um hospital, um cemiterio com diversos mausoleos de marmore; uma bibliotheca, dois templos massonicos, um jardim publico, e um theatro. Tem duas typographias onde se publicam dois jornaes: um semanal e outro bissemanal, com os titulos de *Correio de Cantagallo* e de *Voto Livre*.

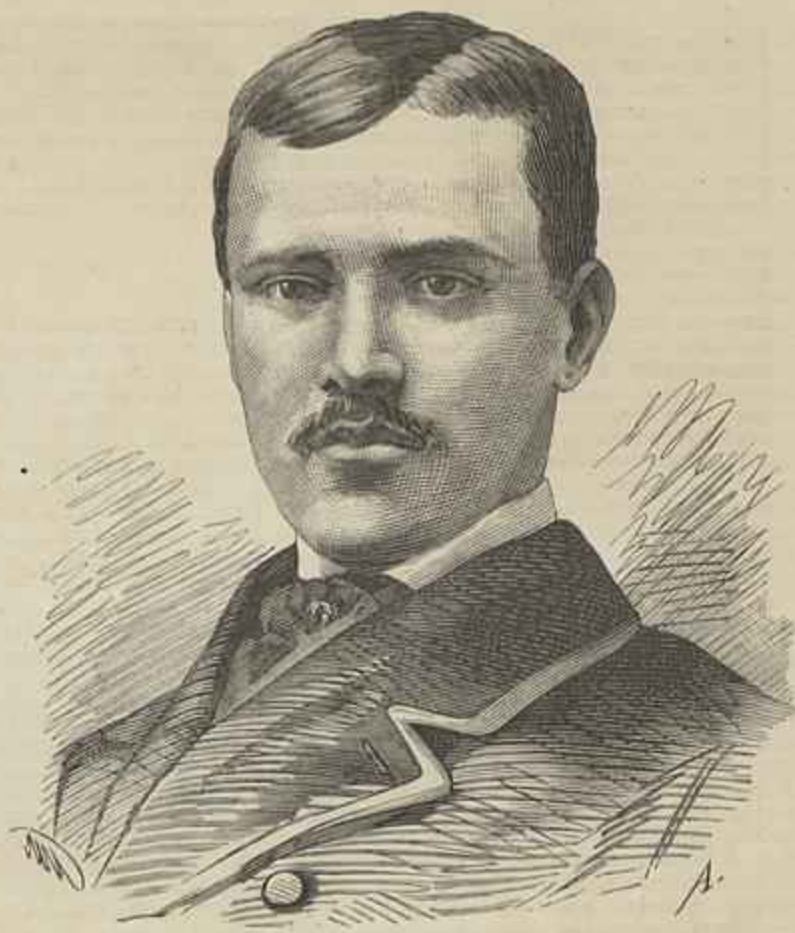
Distá, approximadamente 33 leguas da capital do imperio, a que está ligada por uma estrada de ferro, que de Nitheroy conduz a Cordeiros, e d'esta por uma linha de bonds, cuja distancia é percorrida em 3/4 de hora.

(Continúa)

A. Lopes Mendes.



O PRINCIPE JERONYMO NAPOLEÃO



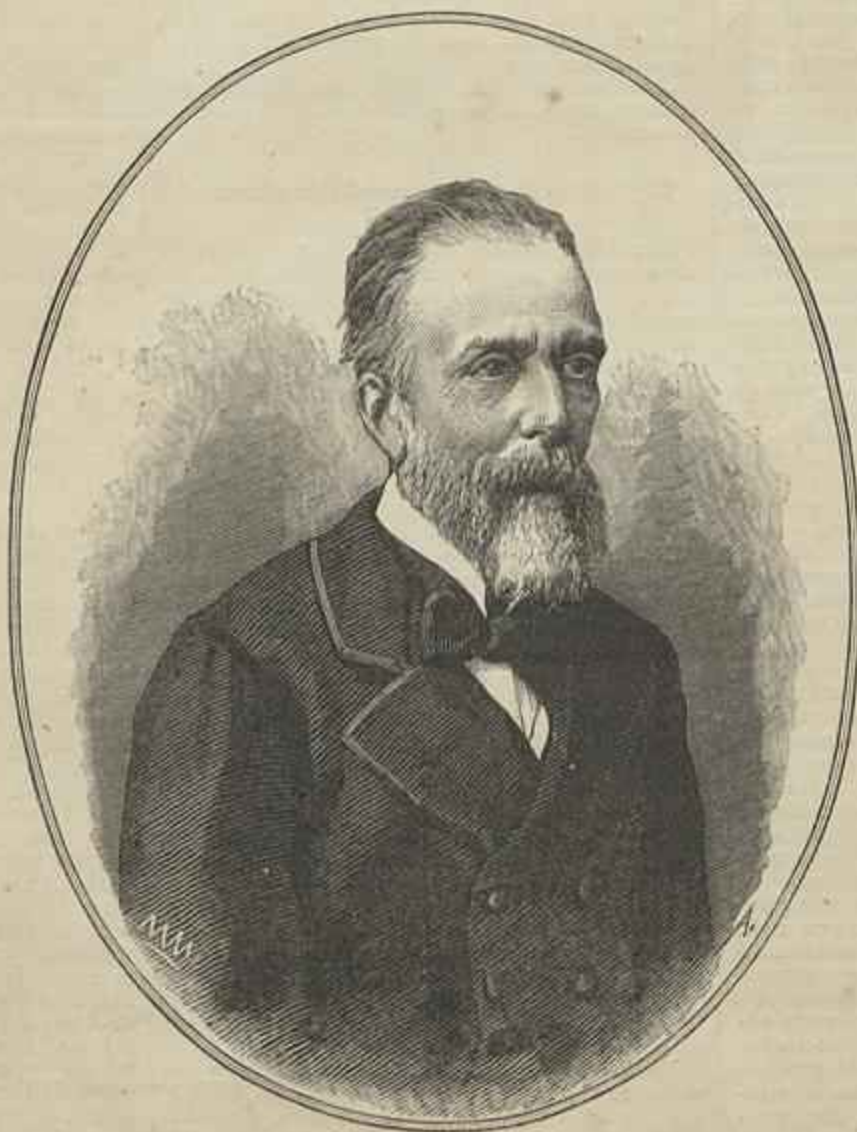
O PRINCIPE VICTOR NAPOLEÃO

SEGUNDO SALÃO DE QUADROS

1

É do mesmo grupo de valentes artistas, que o anno passado mostraram ao publico surprezo um bello salão de quadros na sociedade de geographia, a exposição que agora tem estado aberta, n'um primeiro andar da rua de S. Francisco, e onde o publico affluu ainda em maior numero, e com maior enthusiasmo compenetrado, provando bem que estes pittorescos e luminosos concursos d'arte são sobretudo precisos para lentamente o irem educando, dando-lhe generosamente o conhecimento capitoso do bom gosto, que elle tem sempre latente, e que, quando irrompe admirativo e convicto perante uma obra perfeita, é para o artista a compensação suprema e embriagante. A exposição fechou já, e o resultado positivo e sólido das vendas deve alegrar justamente os promotores d'ella; de facto, nunca entre nós se viu uma exposição de quadros ter este exito extraordinario, de vender promptamente a varios amadores duas terças partes de perto de noventa telas apresentadas, tudo simplesmente por espontaneidade particular, e sem nenhuma d'aquellas artimanhas gulosas das antigas rifas officiaes mais ou menos habilmente disfarçadas.

Não disponho d'espaco para me alongar gravemente em largas considerações ponderosas e sábias, e com certas profundidades criticas, ácerca dos effeitos provaveis d'estas manifestações artisticas; o que sei, e o que toda a gente sensatamente vê e reconhece, é que este decidido grupo de rapazes, do qual tanto falei já o anno passado como chronista enthusias-



DR. JOSÉ VICENTE BARBOSA DU BOCAGE, MINISTRO DA MARINHA E ULTRAMAR

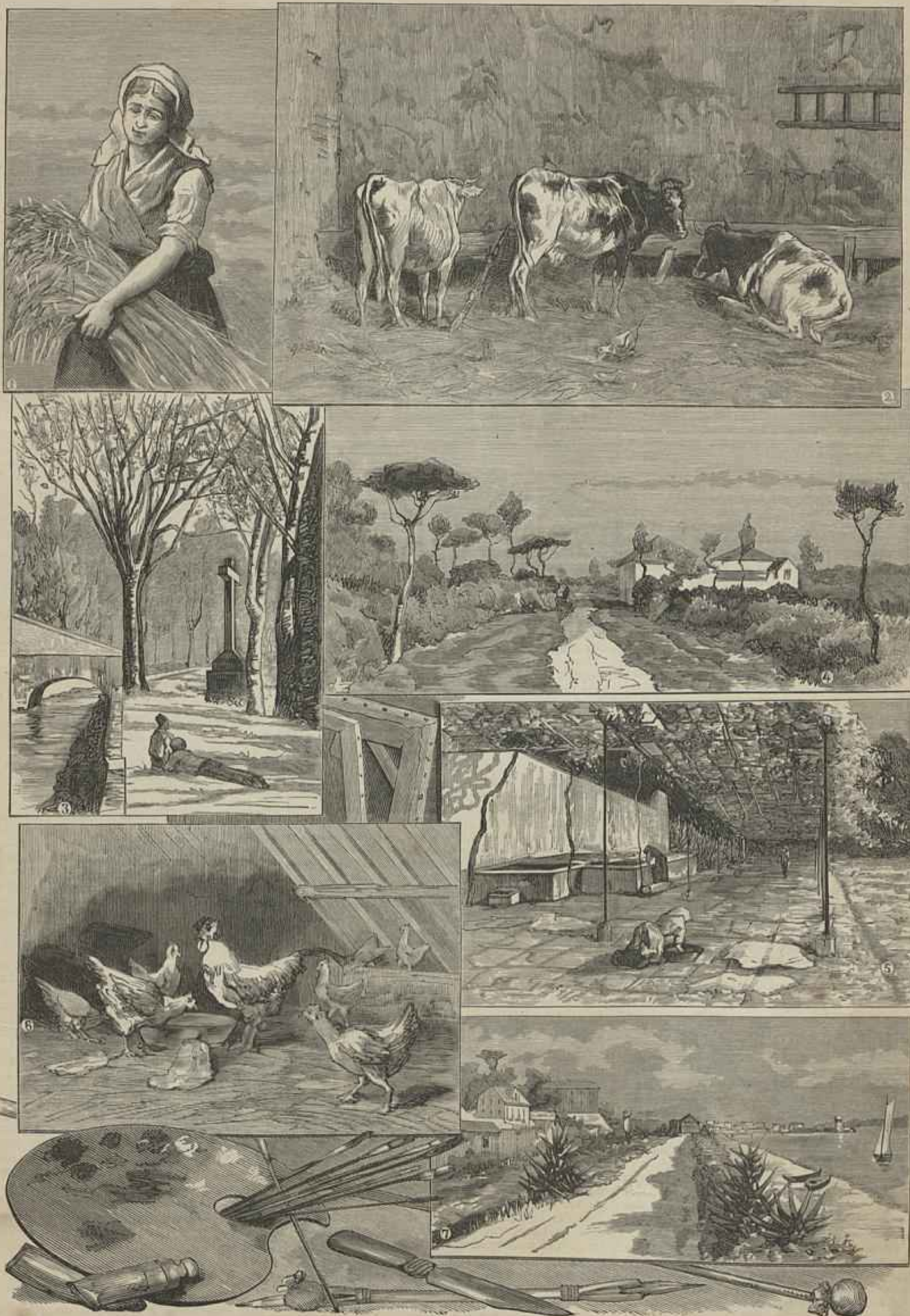
(Segundo uma photographia de Camacho)

mado da sua feliz appareição, representa sem duvida a parte viva e sábia da arte portugueza, notoriamente da pintura. Não pretendo certamente esmagar sob esta affirmativa absoluta, algumas actividades isoladas e cheias de verdadeiro talento, que eu conheço e sinceramente considero; mas a saliente prova de que no grupo ha a vida forte, impetuosa e irresistivel, está no facto quasi incrível de ao seu influxo creador até a decrepita e doente Sociedade Promotora querer já levantar-se um pouco do seu leito d'esterilidade, onde se tem mirado miseramente, e andar planeando uma proxima exposição. Assim, vê-se que o grupo tem forças maravilhosas e divinas, operando milagrosamente a subita resurreição d'aquelle curioso Lazaro!

Em todo o caso, já se falla seriamente d'arte, o publico vai-se interessando, as exposições são visitadas, os quadros vendem-se, e ha um movimento consciente e animado, que mesmo ha tres annos apenas ninguem observaria; isto é o essencial, a atmospheria generosa e protectora em que ricamente se deve desenvolver a planta luxuriosa da arte, ainda embryonaria; e este grande impulso, brusco mas proficuo e vigoroso, é especialmente devido, concluo, ao grupo corajoso e trabalhador de que me occupo. É util insistir bem n'este ponto, porque muitas vezes não são positivamente os iniciadores d'um movimento remoçador e vital os que lhe colhem a gloria, no meio dos odios e despeitos pululantes, que mais tarde veem a enredar tudo tumultuariamente.

Quando appareceu este grupo, apregoei insistentemente que a sua como que eclosão conso-

SEGUNDO SALÃO DE QUADROS



[N.º 1, MOLHO DE PINHO (C. MARTINS) — 2, NA ARIBANA (S. PORTO) — 3, EM NOVENBRO (J. VAZ) — 4, SANTO AMARO, CORROIOS (H. PINTO) — 5, A FARREIRA (MALHÔA) — 6, A HORA DA REFEIÇÃO (GYRÃO) — 7, ALGÉS (CHRISTINO DA SILVA)]

ladora era palpavelmente resultante da influencia energica e larga do talento de Silva Porto, revelador de modernos processos e de arte nova; agrada-me immenso tambem que agora toda a nossa pequena critica vá reconhecendo essa poderosa influencia indiscutivel, mas não gosto de que alguém, ao mesmo tempo com ares de sagacidade rebarbativa, me calque tão de perto as passadas. Houve criticos que retirados de ha muito, sizudamente para os altos montes vertiginosos da celebridade — e de varios empregos, desceram agora até esta exposição; e terrivelmente perspicuos, sanguinarios e magros como lobos, entraram vorazmente n'aquelle redil bem farto com o acinte comprehensivel d'abocanhar a rez mais gorda. Com effeito, as impiedosas feras agarraram-se tenazmente ao meu pobre Silva Porto, e por entre uivos ferozes quizeram mostrar-o n'um caminho lamentavel de decadencia; mas essa desenfreada berraria não pôde mais do que provocar vivamente um falcante riso a alguns bandidos descrentes e bem humorados, que teem a intima e justa convicção de que a observação mais rude e rudimentar é forçada a ver que as numerosas telas este anno apresentadas pelo primoroso paysagista, constituem seguramente uma das suas exposições mais variadas e brilhantes, apesar d'uma importuna doenca que a não deixou ser ainda mais interessante e vasta. Diz-se d'um trabalhador que é decadente quando elle se manifesta opulentamente sob aspectos novos, e mesmo inesperados! Insinuam-se malevolamente desfallecimentos deploraveis em Silva Porto, quando elle por entre uma obra enorme de paysagista, onde a cor então maravilhosamente todo um concerto harmonioso e triumphante, apresenta ainda a sua estreia magistral como animalista, o soberbo quadro *Na arribana*, o melhor da nova exposição! Por mim, acho bom, e original, e honesto.

De resto, devo notar que pelo evidente progresso revelado n'este segundo salão por todos os artistas que formam o sympathico grupo, vê-se claramente como entre nós as bellas artes podiam já ir n'uma alegre florescencia, se os personagens officialmente encarregados de velar por ellas, tivessem intelligentemente tratado ha muito tempo de promover exposições annuaes. Mas eu creio que essas respeitaveis gentes nunca se lembraram de similhante cousa trabalhosa e não muito espectacular, e ninguém ingenuamente se admira d'isso, quando sabe que até o esteril ensino academico chegou ao estado comicamente hyperbolico de se exercer — sem discipulos.

Agora, vou tratar do quadro de cada um dos artistas expositores, que o Occidente escolheu para hoje reproduzir em gravura; e se ao mesmo tempo puder relancear um golpe de vista passageiro sobre outros quadros notaveis, tanto melhor.

Monteiro Ramalho.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUSTAVO DORÉ

A *Chronica* do Occidente occupou-se já largamente do celebre artista que a França acaba de perder, e por isso a nossa missão hoje limita-se simplesmente a um rapido apontamento biographico.

Paulo Gustavo Doré, nasceu em Strasburgo em janeiro de 1832. Morreu portanto com 51 annos apenas de idade, na força da vida ainda, quando a arte tinha a esperar d'elle grandes e numerosas obras primas.

Se cedo porém morreu para a arte, cedo tambem nasceu para ella, e as suas primeiras tentativas foram logo triumphos, os seus primeiros trabalhos foram logo o principio da sua gloria.

Em 1845 Gustavo Doré veio de Strasburgo a Paris fazer os seus estudos. Cursou o lyceu Charlemagne e em 1848 começou a trabalhar no *Journal pour rire* juntamente com Bertall.

Os seus primeiros desenhos alcançaram logo grande successo, e dentro em pouco Gustavo Doré foi o illustrador da moda.

As illustrações esplendidas da *Divina comedia*, da *Biblia*, do *Rabelais*, do *Judeu errante*, dos *Contos Arolatiqués*, dos *Contos de Perrault*, dos *Essais de Montaigne da Voyage aux Pyrénées*, de Taine, de *D. Quichote*, de *La Fontaine*, tiveram um successo colossal e ficarão eternamente na historia da arte moderna, como verdadeiros monumentos de illustração.

Depois de ser um desenhador glorioso, o primeiro do seculo, Gustavo Doré sonhou com as glorias de Pintor. Ah! a sorte faliu-lhe, o successo não lhe sorriu, e todos os seus esforços herculeos, os seus trabalhos titanicos não con-

seguiram chamar, para o melhor dos seus quadros: o exito que acolhera a sua peor illustração.

Ha poucos annos Gustavo Doré perdeu a companhia adorada da sua mocidade, sua velha mãe, aquella creatura que era para elle uma idolatria.

D'esse dia lugubre em diante o alegre artista glorioso transformou-se no taciturno trabalhador de atelier. A gloria nunca mais lhe sorriu, e desanimado pelas luctas dilacerantes de todos os dias, Gustavo Doré succumbiu finalmente aos estragos fataes d'uma angine *pectoris*.

Em torno do tumulo do grande artista, o jornalismo parisiense bordou varias lendas, mais ou menos verosimeis, e ainda hoje nos chegou ás mãos um jornal, em que Gustavo Doré apparece como um romantico namorado, morto de paixão por uma escossesa, que o precedeu na cova.

Gustavo Doré fôra condecorado com a Legião de Honra em 15 de agosto de 1861.

DR. JOSÉ VIGENTE BARBOSA DU BOCAGE

Ministro da Marinha e Ultramar

O novo ministro dos negocios da marinha e ultramar tem um nome muito considerado nas letras e nas sciencias.

O nome de Bocage é popular em Portugal, porque representa um dos talentos poeticos mais brilhantes que esta terra tem creado, e a quem faltou só outro tempo e outro meio para ser um dos maiores engenheiros que o mundo celebrasse.

O dr. José Vicente Barbosa du Bocage é primo segundo do grande poeta. Nasceu na ilha da Madeira a 2 de maio de 1823, sendo portanto mais um insulano que pelo seu merito ascende aos conselhos da coroa.

Frequentou a Universidade de Coimbra, onde se formou na faculdade de philosophia.

Pouco tempo depois era nomeado, precedendo concurso, a lente substituto na escola polytechnica de Lisboa, sendo em breve chamado á effectividade da cadeira pelo falecimento do respectivo proprietario o dr. Assis.

Tem cultivado a sciencia a que se dedicou com amor, e hoje o seu nome é conhecido em Portugal e no estrangeiro.

Numerosos trabalhos, já nas memorias da Academia das Sciencias, já em publicações separadas attestam a sua actividade scientifica.

Por esse elevado merito a *sociedade de geographia* de Lisboa o tem eleito sempre por seu presidente, esperando-se da sua capacidade largo desenvolvimento ás nossas colonias.

JOÃO BAPTISTA SCHIAPPA D'AZEVEDO

VI

Em virtude da organisação da engenharia civil foi João Schiappa nomeado engenheiro chefe de 2.ª classe em 12 de outubro de 1864.

A sua nomeação para inspector de minas do districto do Porto, a que atraz nos referimos é de agosto de 1857, — e em 1858 foi nomeado interinamente para o mesmo cargo nas tres provincias do Norte.

Em 21 de outubro de 1859 foi nomeado inspector do 1.º districto mineiro, sendo transferido para o 2.º districto em 7 de outubro de 1864 e de novo transferido para o 1.º districto em 4 de julho de 1866.

Em 13 de outubro de 1866 foi nomeado vogal da Commissão encarregada do estudo e analyse das aguas thermaes do paiz, á qual de certo prestaria o concurso dos seus vastos conhecimentos e pericia.

Tendo fallecido o engenheiro Leitão, intelligente chefe da repartição de minas, foi João Schiappa em 20 de julho de 1870, nomeado para o referido logar interinamente; achava-se n'este tempo addido á 1.ª divisão de obras publicas desde 12 de Fevereiro de 1869, segundo a organisação d'essa epoca.

N'este cargo, que occupou dignissimamente durante perto de onze annos, são muitos e importantes os serviços prestados por elle ao paiz, sendo certo que não ha uma só pessoa que possa queixar-se de alguma injusta decisão sua, embora não estivessem de accordo sempre com o seu modo de ver as coisas.

O desejo de abreviar este artigo não nos permite ir esmiuçar tudo o que n'esta repartição se deve á intelligencia, boa vontade e zello do nosso malogrado amigo.

Projectara-se por este tempo a exposição Universal de Vienna d'Austria, e a 7 de Fevereiro de 1872 era João Schiappa, nomeado Vogal da Commissão preparatoria d'essa exposição, em que se houve com a maior circumspecção e actividade, como o demandava a urgencia do assumpto.

Em 1873 julgou-se conveniente addicionar, aos estudos professados no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, um curso auxiliar da 6.ª cadeira para a habilitação de conductores de minas. Esse curso tinha por disciplinas a geologia applicada, e João Schiappa foi a 28 de outubro d'esse anno nomeado para o reger.

O Instituto viu desde então mais uma grande illustração no seu seio. — Quantos assistiram ás lições do notavel professor, tiveram occasião de admirar a sua profunda e vasta sciencia, que se não repetia de uns annos para os outros, mas que se alargava, locupletava e transformava á medida que novos trabalhos vinham trazer-lhe contribuições novas; não havia livro que elle não visse, estando sempre em dia com o que produziam os estudos dos grandes homens, que não levantam mão do trabalho.

O seu estudo não se limitava sómente a assimilar para si, porque fomos testemunha das noites e dias feriados que passava, á banca, a traduzir uma importantissima obra do celebre geologo allemão Rosenbusch, não para si, que não lhe era mister, sabendo como sabia a lingua germanica, mas para que um sabio professor, que a não conhece, podesse estudar a obra do seu grande collega da Allemanha.

O sr. Rosenbusch, tendo tido occasião, na sua patria, de receber a visita do nosso engenheiro, tanto soube apreciar as suas grandes faculdades, tanto reconheceu a sua vasta capacidade que se lhe afeiçãoou dedicadamente, e conservava com Schiappa a mais cordial e intima amizade e correspondencia.

Em 1875 entrando no seu gabinete, (havia cerca de nove annos que nos não viamos) depois das primeiras palavras, vendo-o muito atento a um trabalho que estava redigindo, cercado de folhetos portuguezes, francezes, hespanhoes, inglezes e allemães, respondeu-me que estava escrevendo um relatorio sobre tonellagem e arqueação de navios. Olhando para mim e vendo uma certa surpresa no meu gesto, disse-me: «parece-me perceber que estás lá dizendo comigo, que tem a arqueação de navios com a Repartição de minas!» E verdade, lhe respondi eu, mas porque é que esse assumpto te pertence?

Então soube que havia sido nomeado em 9 de dezembro de 1873 pelo ministerio da Fazenda para a commissão da tonellagem dos navios e que tendo reconhecido a imperfeição dos regulamentos existentes a tal respeito no nosso paiz, examinara os estrangeiros e fôra pela commissão encarregado de elaborar o projecto do novo regulamento.

Havia-se mandado proceder aos estudos para a carta mineral do paiz, e em 24 de outubro de 1877 foi mandado a Elvas para examinar os trabalhos que ali se estavam fazendo para esse effeito, commissão que desempenhou com a sua habitual proficiencia.

Antes d'isso, em 23 de maio do mesmo anno foi nomeado para desempenhar uma commissão scientifica fóra do reino, e então foi a Paris, á Allemanha e Inglaterra, tomando conhecimento pessoal com os homens mais eminentes nas sciencias, especialmente mineralogicas nos diversos paizes, e desempenhando o encargo que levava com muito zello.

Foi n'esta occasião encarregado tambem de adquirir alguns aparelhos e objectos scientificos para o Instituto Industrial, o que fez por um modo acima de todo o encomio.

Teve n'esta excursão scientifica de se dirigir ao celebre viajante da Abyssinia, o sabio Abbadie, a quem teve ensejo de apresentar um dos nossos exploradores da Africa, obtendo do celebre explorador francez para este um instrumento da maxima perfeição, feito sob as proprias indicações d'Abbadie.

Durante seis annos havia illustrado o Instituto Industrial não só com a sua sciencia, mas e principalmente com a organisação de um museu de geologia e prestado valiosissimos serviços áquelle estabelecimento, quando em 1879, findo o anno lectivo, o ministro Saraiva de Carvalho fez uma certa reforma no Instituto, que creava uma cadeira (8.ª), na qual era collocada a geologia applicada, suspendendo o vencimento a João Schiappa logo depois dos exames, quando começaram as ferias, e pondo a concurso a cadeira, que elle até ali regera por uma maneira tão elevada.

(Continua).

Brito Rebello.

O AMIGO VISCONDE

IV

Uns brasileiros gordos, que entravam arrastando os pés, compravam charutos e vinham fumaços encostados ás hobreiras, escutando o que

de S. Carlos, pela companhia italiana dirigida pelo celebre tragico Ernesto Rossi, com o drama *Othelo*.

A ultima foi em 20 de março do referido anno com o drama portuguez *Frei Luiz de Sousa*, de Almeida Garrett.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

REVISTA SCIENTIFICA, redacção Ricardo Jorge, Miguel Arthur, e Candido de Pinho. — Primeiro anno n.º 10, outubro 1882, concluem n'este fas-

Sousa, o *traumatismo e a thermogenese* pelo sr. Moraes Caldas. O sr. Adolpho Coelho que durante annos tem colligido largos subsidios relativos ás tradições e ethnologia portugueza, de que deu alguns estudos comparativos na sua revista *d'ethnologia e de glottologia*, infelizmente suspensa ha tempos, vendo publicado o livro do sr. Leite de Vasconcellos *Tradições populares de Portugal*, julgou conveniente, prescindindo de trabalho mais completo, fazer algumas addições aos capitulos do livro do sr. Leite de Vasconcellos, o que fez n'um artigo sob o titulo *As superstições portuguezas*, que devem ter presente os que se dedicam a estes estudos. Concluem-se os *trabalhos folkloricos* do mesmo sr. Leite e

vatorio meteorologico de Loanda pelo sr. Guilherme Gomes Coelho; *A ilha de S. Nicolau*, comunicação feita á *Sociedade de geographia de Lisboa* pelo sr. Conego Joaquim da Silva Caetano, e a continuação dos apontamento sobre as *colonias portuguezas em paizes estrangeiros* — incluindo as relativas á Belgica. Segue-se o extracto das actas d'aquella importante sociedade.

AS COLONIAS PORTUGUEZAS, *Revista Illustrada* n.º 1 e 2, Lisboa. Com o principio do anno appareceu este periodico mensal que se dedica aos interesses das colonias portuguezas. É tão importante este assumpto que dispensa qualquer recommendação especial, d'esde que os interesses



BRAZIL — FAZENDA DE SANTO ANTONIO DO RIO NEGRO, EM CANTAGALLO (Segundo um desenho de Lopes Mendes) — Vid. artigo Cartas de Lopes Mendes, etc.

ciculo: os artigos. *O bimetalismo* do sr. Rodrigues de Freitas, *o microscópio e as suas revelações* do sr. A. Placido; enceta-se uma serie de trabalhos criticos do sr. Leite de Vasconcellos, sob o titulo de *trabalhos folkloricos*; traz um artigo do sr. Magalhães e Lemos sobre *a região psychométrica no recém-nascido*, e conclue o fasciculo com outro *à memoria de Miguel Arthur*, pelo sr. Ricardo Jorge. Miguel Arthur da Costa Santos, um dos redactores e fundadores d'esta revista, fallecera no dia 24 d'aquelle mez, e o seu collega e amigo presta-lhe a devida homenagem em phrases sentidas. — O n.º 11 correspondente a novembro do mesmo anno, contem *as combinações e decomposições chemicas consideradas sob o ponto de vista thermico* pelo sr. Agostinho de

Vasconcellos. Encerra ainda um artigo de polemica scientifica com relação ao methodo do sr. Agostinho de Sousa para a transformação das formulas chemicas, pelo sr. Alvaro de Meirelles, seguido de uma carta do mesmo sr. A. de Sousa sobre o assumpto.

BO' ETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA. 3.ª serie — n.º 5 — *Lisboa Imprensa nacional*, 1882. Encerra este numero varios artigos muito interessantes com relação á *Africa oriental portugueza*, interior da provincia de Moçambique pelo sr. H. O'Neill (conclusão); a conclusão do artigo: *O Deus endovelico dos celtas (sic) do Allemtejo*, pelo padre J. J. da Rocha Espanca; as observações de 1879 a 1881 feitas no obser-

das colonias são tambem os de Portugal. É tempo e mais que tempo de attentarmos seriamente nas nossas terras de alem mar, e por isso devem encontrar o maior apoio todos aquelles que, com as suas luzes e com o seu trabalho, venham promover e auxiliar o desenvolvimento das nossas colonias, para que outros se não aproveitem do que ha tantos seculos anda por nós desprezado.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Tesouro Velho, 6

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO LOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO — Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de cor illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

À venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias, e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou valles do correio.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADENAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiais para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou valles do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.